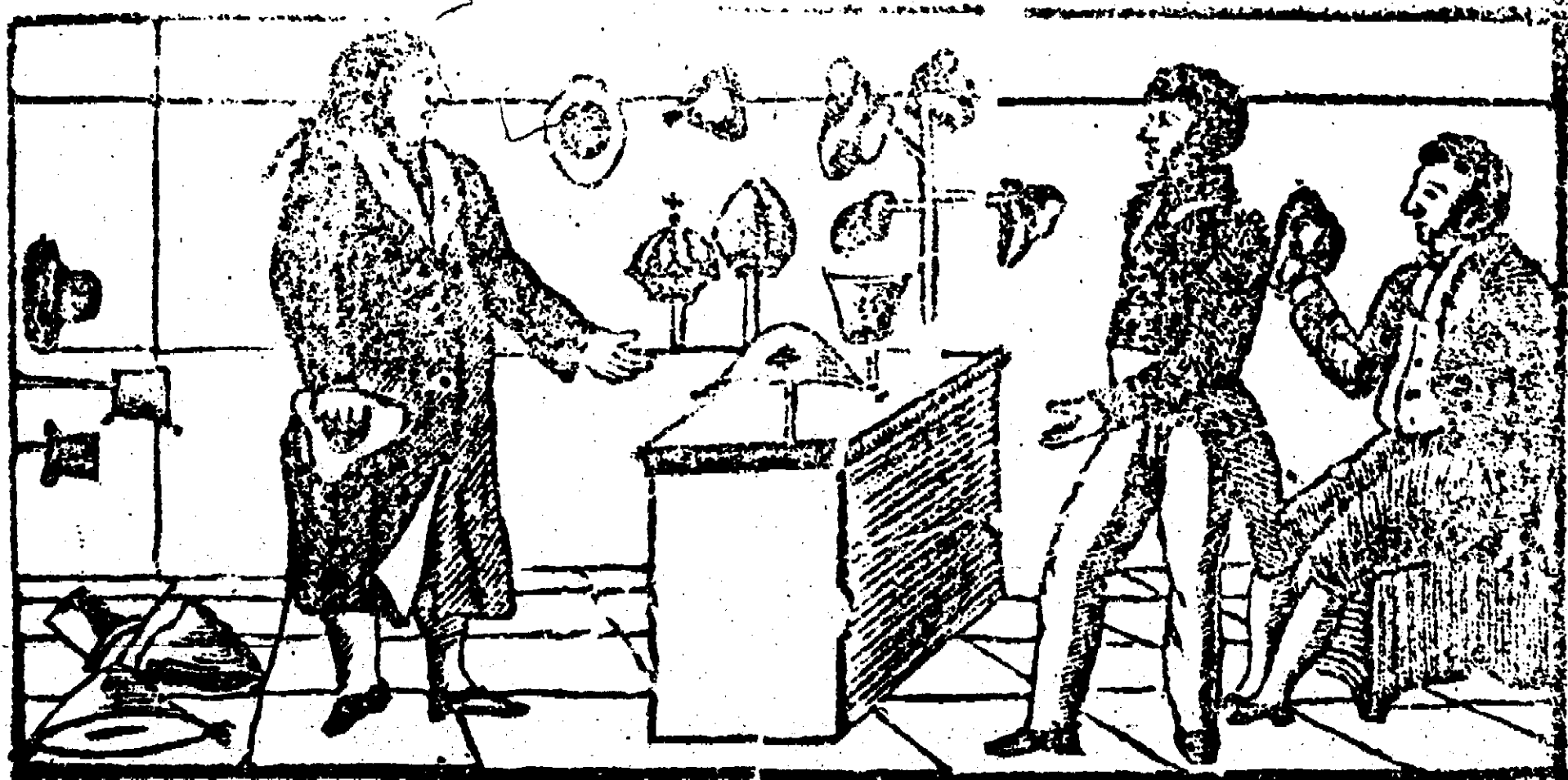


O
CARAPUCEIRO

18 DE ABRIL
DE 1840



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Percere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que hé dos vicios fallar, não das pessoas.

Continuado do n. antecedente.

O povo tem crenças ridiculas; por que não raciocina: os philosophos tem duvidas absurdas; porque raciocinão mal. Se o povo se deixa atrelar d'intrigantes prestigiosos; os philosophos não se entregão todos os dias a sophistas imprudentes? A final se o povo tem os prejuizos da ignorancia, e da timidez; os philosophos não tem os da presumpção, do amor proprio, e do falso saber?

Fica pois demonstrado, que os prejuizos, o fanatismo, e a superstição tem o seu principio em a fraqueza da nossa natureza, e não em a Religião: que desta se pode abusar, como da Philosophia, e por conseguinte he flagrante injustiça indigitar a superstição, os prejuizos, e o fanatismo como huma, e a mesma cousa com a Religião, de maneira que quem se desfizesse de toda a ideia religiosa, poderia curar radicalmente os homens de todo o fanatismo, de todo o prejuizo, e de toda a superstição.

Quer nos negocios da Religião, quer em outro qualquer negocio sempre há risco d'encontrar ignorantes, supersticiosos, e fanaticos. Não duvidarei confessar, que o fanatismo, por ex., de Muncer, chefe dos Anabaptistas, teve effeitos mais funestos, do que o atheismo de Spinoza. Não escurecerei, que hum povo agitado do fanatismo religioso em tal momento de crize entrega-se a atrocidades, e horrores, ao mesmo passo que longe d'ali hum povo mais corrompido goza de plena paz. A questão de preferencia entre a Religião, e a impiedade não consiste em saber, se em tal momento he mais perigoso, que Pedro, por ex., seja fanatico, ou atheo, ou se em circumstancias terminadas os inconvenientes da corrupção d'hum povo seriam preferiveis aos excessos, e violencias do fanatismo; porém sim se na duração dos tempos, e para os homens em geral val mais, que estes algumas vezes abusem da Religião, ou que não tenham Religião alguma.

„ O effeito inevitavel da incredulida-

de, e do atheismo (diz Montesquieu) he conduzir-nos á ideia da nossa independencia absoluta, e consequentemente da nossa revolta. Não forão, continua elle, nem o temor, nem a piedade, que estabelecerão a Religião entre os Romanos; sim a necessidade, em que estão todas as sociedades de ter huma. Os primeiros Reis não forão menos sollicitos em regular o culto, e as ceremonias, que em dar leis, e levantar muralhas. Assim em todas as revoluções de Roma a Religião foi sempre o maior freio. Quando espelirão os Reis, o jugo da Religião foi o unico, que o povo, alias furioso pela sua liberdade, não ousou romper. O mesmo author em muitos Capitulos do Espirito das leis estabelece não ser inutil, que os Reis tenham huma Religião, e que alvejem d'espuma o unico freio, que podem ter: que o homem destituido de Religião he aquelle, que não sente a sua liberdade, se não quando despedaçá, e devora: que o que a crê, e aborrece morde a sua propria cadeia: aquelle que a crê, e teme, cede á voz, que lijougeia, ou á que tranquillisa: finalmente que huma Religião, ainda falsa, he o fiador mais seguro, que os homens podem ter da probidade dos homens. „

Dizer com a turba multa dos incredulos, que por de mais se faz grande bulha com a Religião: mas que esta nada impede, que não pode ser considerada, como hum motivo reprimente; por isso que ella não ferropeia os crimes, e escandalos, que quotidianamente presenciámos; he o mesmo, que afirmar, que a moral, e as leis tambem não são motivos reprimentes; visto que taes crimes, e escandalos não são prevenidos nem pelas leis, nem pela moral. Não ignoro, que ainda em os seculos mais religiosos homens há, que não creem na Religião, estes creem fracamente, aquelles nem della se occupão. Não ignoro outro sim, que entre os mais firmes creutes poucos obrão

de conformidade com a sua fé: mas tambem não ignoro, que os que creem na Religião, algumas vezes a praticão, quando não sempre; que podem descarrear-se; porém mais facilmente voltão ao bom caminho. Não ignoro, que as impressões da infancia, e da educação nunca se apagam inteiramente nos mesmos incredulos; que de quantos o parecem nem todos o são, que pela mor parte são como os medrosos de de noite, que caminham cantando; que em redor delles se forma huma especie d'espirito geral, que a seu pezar os arrastra, e regula até certo ponto, sem que elles o percebão, os seus pensamentos, e acções. Não ignoro, que se o orgulho da sua razão os faz scepticos, os seus sentidos, e coração algumas vezes zombão dos sofismas da sua razão. Não ignoro, que a multidão he sempre mais accessivel á Religião, que ao scepticismo, e consequentemente que as ideias religiosas sempre exercem grande influencia no geral dos homens, nos corpos das Nações, e na sociedade geral do genero humano.

Nós vemos os crimes, que a Religião não embarga: mas acaso vemos todos, quantos ella reprime? Podemos acaso escutar as consciencias, e ver todos os negros projectos, que a Religião nellas suffoca, todos os saudaveis sentimentos, que desperta? Donde provém, que os homens, que individualmente nos parecem tão maos, são tão capazes tomados em massa? Não será porque inspirações, e remorsos, a que resistem os maos determinados, e aos quaes os bons nem sempre cedem, bastão todavia para reger o geral dos homens no maior numero de casos, e segurar no curso ordinario da vida esse andamento uniforme, e universal, sem o qual impossivel seria dar-se huma sociedade duradora?

Todos os abusos pois, que a falsa Philosophia, e a incredulidade attribue á Religião, esta os pode retorquir contra

aquellas; e pode-se sustentar afoitamente, que sem o freio d'humã Religião positiva não haveria termo á credulidade, á superstição, e á impostura, e que o ser religiosos he necessario aos homens em geral para não cahirem nesses mesmos excessos.

Em verdade se he preciso hum código de leis para regular as paixões, preciso se faz tambem hum deposito de doutrinas para dar estabilidade ao espirito humano. Se dermos soltas á nossa razão, e a deixarmos vaguear arbitrariamente a respeito da natureza de Deos, e de todas as questões, qu'humã orgulosa metaphysica pode imaginar, conceberemos successivamente as mais extravagantes ideias. Os sophistas gostão de occupar-se do que lhes não he dado saber. Com pouco afan adquirem celebridade, fallando de cousas occultas. Se tractão de objectos superiores á nossa concepção, dogmatizão a seu bel prazer, e a seu talante crião anjos, ou demonios. Os dous principios dos Manicheos, a Metempsychose, a transmigração das almas, a sua perfectibilidade successiva no outro mundo, a eternidade deste, o espiritualismo, o idealismo, o materialismo, e muitos outros systemas, que inutil fora enumerar são successivamente offercidos á crença, ou á curiosidade publica., Não há nada certo (dizia Montagne) se não a mesma incerteza.,

No meio desta confusão, e deste chaos a nossa desgraçada especie seria submergida por prejuizos, por superstições, por extravagancias de toda a especie. Todo o impostor poderia a cada instante destruir as verdades estabelecidas, e substituilas por erros; porque com meia duzia de homens bem determinados (dizia Fontenelle) eu me comprometteria a persuadir a Nações inteiras, que o sol não alumia ao pino de meio dia: a Religião positiva porém he hum dique, he a unica barreira, que nos pode suster contra a torrente de opiniões falsas, e mais, ou menos perigosas, que o

delirio da razão humana pode inventar.

Eu não nego, que há falsas Religiões; mas estas mesmas tem pelo menos a vantagem de pôr obstaculo á introducção de doutrinas arbitrarias. Os individuos tem hum centro de crença: os governos descanção sobre dogmas huma vez conhecidos, e que não mudão; a superstição he, por assim dizer, regularizada, e circumscripita em limites, que não pode romper. De certo que os Philosophos, que tão calorosamente declamão contra as funestas consequencias da superstição, serão forçados a convir, que he hum bem o mesmo mal, que a limita.

Elles ainda porfião, dizendo, que as falsas Religiões servem de obstaculo á propagação da verdade, e das luzes, e ao aperfeiçoamento do espirito humano: mas o que nos podem dizer de util e proveitoso na ordem religiosa os Philosophos raramente passa além do que quasi todas as Religiões ensinão: o mais, que podem acrescentar, cabe no abuso, e perigo dos systemas; e não há que vacillar entre os falsos systemas de Philosophia, e os falsos systemas de Religião. Os primeiros tornão o espirito contercioso, e deixão frio o coração; os segundos tem pelo menos o effeito de chamar os homens a algumas ideias comuns, e os dispor a algumas virtudes. Se os falsos systemas de Religião nos ageitão á credulidade; os falsos systemas de Philosophia nos conduzem ao scepticismo. Mas os homens em geral mais feitos para obrar, que para meditar, carecem nas cousas praticas mais de motivos determinantes, do que de subtilezes, e duvidas. O mesmo Philosopho precisa tanto, quanto a multidão da coragem de ignorar, e da sabedoria de crer; porque elle não pode tudo conhecer, nem comprehender tudo: logo o espirito religioso he tão necessario ao Philosopho, quanto ao povo.

Em as questões de Philosophia podemos abandonar hum systema para abraçar outro, que suppones melhor; mas as falsas religiões não podem ser corrigidas, minadas, destruidas, ou substituidas, se não pela Religião verdadeira, ou, para fallar no sentido do incredulo, por humã Religião, que tal se reputa, ou suppõe. Se nella se podessa haucholear a mão do homem, tudo seria perdido; porque humã das maiores vantagens da Religião he pôr seus dogmas, e preceitos a salvo de controversias; sobranceira a toda a auctoridade humana, e por isso conferir-lhes o mais alto grao de certeza possivel: tal vantagem porém desapareceria de todo, se os Legisla-

dores; ou Philosophos possessem a seu arbitrio mudar, ou corrigir as ideias, e opiniões religiosas; tanto assim que os mesmos Pontífices de hum culto não devem ser, se não seus depositarios, e conservadores, sendo só ministros, e não senhores das cousas sagradas.

Não falta quem exprobre aos homens religiosos o serem dogmaticos em sua crença: mas assim deve ser; porque he natural afirmar o que se crê: extraordinaria he a pouca razão dos mesmos Philosophos a ponto de serem dogmaticos em seu mesmo scepticismo. Elles ordenão a duvida, e a desesperação, como a Religião ordena a esperança, e a fé. O dogmatismo religioso pelo menos não degrada o homem; porque não o submete, se não a Deos: mas o dogmatismo do sceptico tende manifestamente a captivar as consciencias, e opiniões dos homens ao orgulho d'outro homem; por isso que o sceptico só falla em seu nome, e manda, que toda a cabeça se curve diante da sua Philosophia d'hum dia.

Finalmente o que he a tollerancia, de que tanto alardeia o sceptico? He o desprezo de todas as opiniões, excepto a sua; he a indiferença absoluta por todas as verdades, e para com todos os homens. Elle não vê os individuos, só vê o genero humano; porque no exercicio da caridade obtem-se melhor mercado deste, que d'aquelles. O sceptico ao passo, que se apregoa tolerante, ralha de tudo. Se o proselytismo religioso endereça-se a estabelecer, o sceptico não he, se não ambição de derrubar, e abater. Vemos o sceptico rodear-se de despojos, e ruinas: vemos, que elle se separa de tudo, que o constrange, e reconcentra-se em si mesmo; parece em summa, que aspira ao direito insensato de existir só no universo.

O scepticismo substitue duvidas insociaveis a prejuizos uteis: elle desata todos os laços, que nos prendem huns aos outros: arma as paixões sem destruir os erros, secca a sensibilidade; embarga todos os movimentos espontaneos da natureza: elle fortifica o amor proprio, e o faz degenerar em hum sombrio egoismo; inspira pretencões sem dar luzes; não promulga maximas, mas permittê a todo o mundo o fazelas; e o que succede d'ahi? Cada hum quer instruir, e todos desdenhão ser instruidos: prega-se independencia á propria multidão, que só força tem para abusar della. A licença das opiniões conduz á dos vicios; porque os maos principios são mais perigosos, que as más accões. Sim ao passo que estas não são mais, do que factos transitorios d'alguns homens, os maos principios podem armar os braços de todos os homens.

Convénho de boa mente, que a superstição, e intollerancia religiosa, quando levadas a fa-

natismo, podem arrastar a excessos, que he impossivel justificar; mas no fanatismo religioso há sempre alguma cousa de desinteressado, de grande, e até de sublime, e algum tanto d'innocente na devoção supersticiosa, e credula. Se o fanatismo religioso (diz J. J. Rousseau, que de certo não será suspeito a tal proposito) algumas vezes mata os homens, accendendo guerras, a doutrina fanatica do atheo os embarça de nascer, corrompendo os costumes. A paz apparente, que nasce da corrupção, e da incredulidade compara-se á do despotismo, mil vezes mais destruidora, que a mesma guerra. E ainda assim será duradora esta mesma paz? Não he ella perpetuamente perturbada por crimes? Não he a final interrompida pelas mais sanguinolentas catastrophes?

Entre os scepticos, entre os atheos, e os crentes há huma classe de homens, que sem admittirem Religião alguma, querem todavia, que se não seja irreligioso. Taes homens embalaão-se com satisfação entre o que elles chamão opiniões extremas. Elles emprehendem contemporisar com todos: respeitão no incredulo a independencia da razão pura, e do puro saber, e aplaudem no devoto a fé vivificadora da consciencia. Honrão-se da sua moderação, e procurão não offender a ninguem: imaginão em summa ser menos perigosos; por que são mais tímidos, e menos valhadores: tem a vaidade de estrear huma nova senda, e de querer representar o sublime papel de medianeiros entre os partidos oppositos: mas que pretendem esses senhores? A independencia, como os mais: o que há em sua theoria he mais alguma mysticidade; porém elles não são nem mais atilados em suas investigações, nem mais consequentes em seus resultados. Concluirei pois, que supposto sejam mui condemnaveis o fanatismo, a superstição, o enthusiasmo, e a intollerancia, muito pior mal he a incredulidade, o que peço haver demonstrado com alguma abundancia, e clareza. Felizes nós Brasileiros, que temos a ventura ineffavel de havermos nascido no gremio da Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana. Sejamcs sempre firmes em a crença de seus Dogmas, e Mystérios, e sobre tudo observemos os seus sanctos preceitos, que tudo nos correrá o melhor possível.

Pern.; na Typ. de M. F. de Faria.

1840.